

Recensão crítica a Isabel David Cardigos e Paulo Jorge Correia (2015), *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses* (com as versões análogas dos países lusófonos)

2 vols., s.l.: CEAO da Universidade do Algarve / Edições Afrontamento, ISBN: 978-972-36-1407-7.

Sandra Boto

Fundação para a Ciência e Tecnologia (CIAC / Universidade do Algarve e CLP / Universidade de Coimbra)

Este trabalho propõe uma apreciação crítica da obra *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses* (com as versões análogas dos países lusófonos) da responsabilidade científica de Isabel David Cardigos e Paulo Jorge Correia, publicada em dois volumes em finais de 2015. Trata-se de uma coedição do Centro de Estudos Ataíde Oliveira e das Edições Afrontamento que, deste modo, fornecem ao leitor interessado nas áreas afins à Literatura de Tradição Oral uma portentosa ferramenta de consulta.

Publicados em dezembro de 2015 pelo Centro de Estudos Ataíde Oliveira da Universidade do Algarve, em parceria com as Edições Afrontamento (financiados por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito de um projeto do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição), os dois volumes do *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses* (com as versões análogas dos países lusófonos) - o 1º vol. com 965 páginas e o 2º vol. com 895 - ilustram convenientemente a vitalidade da tradição oral portuguesa no que se refere ao conto tradicional. Dão, sobretudo, conta do aturado e rigoroso trabalho de pesquisa que este centro de investigação, através dos responsáveis científicos desta publicação, tem dedicado, nas últimas décadas, ao conto tradicional português. A presente obra inscreve-se, pois, como o culminar deste intenso labor.

Cabe salientar que os seus autores, Isabel Cardigos e Paulo Correia, são dois dos mais destacados conhecedores do conto tradicional português, facto que eleva, portanto, as expectativas acerca da qualidade do Catálogo. Isabel Cardigos, doutorada em 1993 pelo King's College of London, ostenta uma já longínqua dedicação ao conto tradicional português, tema que trabalhou na tese de doutoramento, que viria a publicar em 1996 na prestigiada coleção finlandesa "Folklore Fellows Communications" com o título *In and Out of Enchantment: Blood Symbolism and Gender in Portuguese Fairytales*. Foi fundadora do

Centro de Estudos Ataíde de Oliveira em 1994, e da revista Estudos de Literatura Oral (ELO) da UAlg, que dirigiu, tal como o Centro. Paulo Correia, antropólogo de formação, integra, desde 1997, a mesma estrutura de investigação, onde tem desenvolvido pesquisa em torno da literatura de tradição oral, nomeadamente sobre o conto e sobre a lenda.

Se é lícito entender este Catálogo como um marco incontornável no âmbito da investigação sobre o conto tradicional, o certo é que ele não nasce como uma experiência isolada. Na realidade, uma sua versão anterior, de 2006, foi publicada por Isabel David Cardigos (com a colaboração de Paulo Correia e de J. J. Dias Marques) na mesma "Folklore Fellows Communications": refiro-me ao *Catalogue of Portuguese Folktales*. Desconhecemos, pelo exposto, mãos mais idóneas do que estas para a preparação da presente ferramenta bibliográfica.

Não obstante, se esta publicação se declara como herdeira da versão inglesa de 2006, persegue notoriamente desafios de maior exigência. Basta atentarmos, tal como explica Cardigos, que o novo catálogo inclui mais um terço de versões de contos tradicionais portugueses do que o anterior. E – detalhe inédito e muito importante – assume-se como um catálogo de ambição lusófona, que regista versões

análogas dos países de língua oficial portuguesa, aos quais se somam os territórios de Goa e Bombaim. Assim, em cada entrada do primeiro volume, adicionam-se, quando existentes, as referências bibliográficas de acesso às versões brasileiras, africanas, timorenses, etc., correspondentes a cada conto-tipo. É, ainda assim, de referir que a remissão para as versões análogas não regista pretensões de exaustividade pois, afinal, é o conto português que está em foco.

Por que motivo considero, então, os paralelos com as versões oriundas do universo lusófono tão pertinentes, se me é permitida a insistência? Fundamentalmente, porque a cedência de informação bibliográfica sobre estas tradições orais e o traçado prévio de uma correspondência tipológica de carácter formal com a tradição oral portuguesa oferece aos estudos sobre o conto em Portugal a abertura de um curso investigacional extremamente rico. Refiro-me em concreto à possibilidade de ampliar o estudo em torno de cada conto-tipo através de uma metodologia comparativa. Evidentemente que esta metodologia comparativa não representa qualquer novidade para os autores do catálogo, mas pode ser empregue eventualmente a um nível muito mais fino para a aferição das características estruturais que permitem justamente identificar o “tipo”. Ressalto, com isto, o potencial indelével desta metodologia aplicada às versões lusófonas na percepção de tendências ao nível do discurso (fórmulas tradicionais, eventuais motivos folclóricos comuns no quadro da Lusofonia, entre outras), pensando ainda no expectável impacto para o estudo do estilo tradicional, entendido enquanto tensão permanente entre criatividade e memória. Note-se que este tipo de abordagem regista, grosso modo, a fraca adesão dos investigadores que se dedicam ao conto tradicional, talvez devido à ausência de recursos como o que agora se dá à estampa para a tradição oral portuguesa. Eis o motivo que me leva a saudar veementemente os autores pela incorporação de bibliografia concernente às versões da Lusofonia.

Numa apreciação minuciosa da obra, e porque os dois volumes deste catálogo apresentam abordagens e

objetivos distintos, observe-se que no primeiro deles surgem elencadas 9.500 versões de contos tradicionais constantes no Arquivo Português de Contos Tradicionais. Conforme a cifra sugere, trata-se de um magnânimo fundo documental depositado no Centro de Estudos Ataíde de Oliveira – o maior arquivo de contos tradicionais do país, refira-se – corolário de um esforço de pesquisa de cerca de 20 anos durante os quais se compilaram, transcreveram, classificaram e reviram versões de contos recolhidas em território português ou junto de comunidades portuguesas residentes no estrangeiro. Muitas destas versões são efetivamente provenientes de recolhas incorporadas no arquivo (como as levadas a cabo pelos alunos da disciplina de “Literatura Oral” da Universidade do Algarve, durante 12 anos), embora muitas outras tivessem sido angariadas em bibliotecas, acervos ou publicações de difícil acesso. Estamos, na realidade, perante um arquivo que pretende acolher exaustivamente todas as versões portuguesas de contos, ambicioso desiderato transposto agora para este catálogo.

Já no segundo volume, e como resposta à impossibilidade de oferecer na globalidade o corpus textual do arquivo (limitação própria do suporte impresso, que o meio digital ultrapassaria necessariamente), os autores brindam o leitor com uma fecunda coletânea de contos (618, em concreto), representativa dos diferentes tipos contísticos presentes na tradição oral portuguesa, cuja edição é da responsabilidade de Susana Mendonça. Em jeito de breve comentário à fixação destas versões, não é demais dedicar alguma atenção aos critérios apresentados no início do segundo volume, que destaco pela positiva. Aludo a opções editoriais como a eliminação de marcas dialetais ou de comentários desnecessários, isto é, à supressão de todos os elementos que perturbam a legibilidade dos textos, conceito que norteou (e bem) a fixação das versões de contos contempladas neste volume, no sentido da adoção de critérios uniformizadores. Sublinhe-se, por isso, o bom senso da editora, infelizmente pouco comum na prática editorial de textos literários de transmissão oral, como se sabe.

Do ponto de vista operativo, os autores servem-se, como não poderia deixar de suceder, de alguns conceitos do campo de estudos da literatura de tradição oral. Pensemos em concreto em termos como “tipo”, “versão”, “variante”. Tanto Isabel David Cardigos como Paulo Jorge Correia têm consciência da barreira terminológica e por isso esclarecem o leitor com definições claras e sucintas (como faz, por exemplo, no primeiro volume, Isabel David Cardigos em nota à p. 11 e Paulo Jorge Correia na p. 20). Louve-se, assim, o cuidado manifestado na explicitação dos mecanismos operativos de ordem teórica que presidiram à organização do catálogo. Se, por um lado, esta atitude constitui um manifesto de honestidade científica, por outro, permite elucidar o público menos especializado, ao diluir os obstáculos que a bateria terminológica decerto ocasiona.

O leitor depara-se, então, com uma obra que dá notícia bibliográfica e estrutural de 9.500 versões de contos da tradição oral portuguesa depositadas no Arquivo Português do Conto Tradicional (versões publicadas e inéditas) distribuídas por 1.011 tipos diferentes e acompanhadas por mais de 3.000 referências bibliográficas de versões provenientes análogas do mundo lusófono; por seu turno, o corpus português é representado, no segundo volume da obra, através de uma seleção de 618 textos da tradição oral portuguesa.

Perante estas elevadas cifras, serão esperados obstáculos no manuseamento do Catálogo. E estes existem, não o escamoteemos. No entanto, tendo em conta a necessidade de cruzar tantos dados e informações como aqueles que Isabel Cardigos e Paulo Correia não abdicam certamente de fornecer ao leitor, seja ele especialista ou não, a dificuldade inicial é de imediato transposta a partir do momento em que nos familiarizamos com os procedimentos de consulta. Esta preocupação não foi alheia aos autores, que oferecem de forma eficaz as instruções de consulta da obra, explicando ainda as motivações que estão subjacentes a cada tomada de decisão, a cada sigla, a cada código. Tanto a “Apresentação” do catálogo (no primeiro volume) da responsabilidade de

Paulo Correia, como o “Prefácio” (ao segundo volume) assinado conjuntamente pelos dois autores, colmatam o problema. A consulta dos dois volumes (sobretudo do primeiro, mais especializado; menos do segundo, por ser mais apelativo ao público geral) não é intuitiva, mas sim complexa.

Importa, neste sentido, referir que o primeiro volume da obra (o catálogo propriamente dito) segue o critério de classificação tipológica mais reconhecido pela comunidade internacional, o ATU (sistema criado pelo finlandês Anti Aarne em 1910, revisto pelo americano Stith Thompson em 1927 e em 1961 e, finalmente, aditado pelo alemão Uther, em 2004), designação que recupera as iniciais dos três estudiosos e que é composta por uma sigla alfanumérica e um título em inglês. Na ausência de classificação ATU, os autores seguem outros sistemas classificativos devidamente identificados.

Cada entrada do catálogo é, assim, orientada por ordem numérica crescente da sigla ATU, à qual se segue o correspondente título genérico, para se entrar na descrição macro e micro-estrutural do conto-tipo, em função das versões portuguesas que o integram. De seguida, são elencadas todas as versões depositadas no Arquivo Português de Contos Tradicionais (APCT) – aliás, a disposição das versões dentro de cada entrada / tipo é feita por ordem numérica da sigla de cada versão no mencionado arquivo, acompanhada da referência bibliográfica individual e das particularidades narrativas de cada versão (designadas “variantes”), bem como das contaminações com outros tipos.

Advirta-se que o catálogo não diferencia necessariamente versões publicadas e inéditas (embora no segundo volume se assumam dar prioridade de fixação às versões inéditas). Assim, a distinção é unicamente assinalada com uma marca na cota individual da versão no APCT, ao qual se adiciona um (I) no caso de ser inédita. Se se trata de uma versão áudio registada em suporte CD, à cota junta-se essa designação (CD). No caso das versões inéditas, em lugar de uma referência bibliográfica individual,

indicam-se os metadados da versão: local de depósito (CEAO), ano, informante, local da recolha e coletor. Importa reter que o Arquivo Português de Contos Tradicionais é entendido aqui como o núcleo basilar deste catálogo, que remete sempre para a localização de cada versão no mencionado arquivo, deixando o leitor / investigador idoneamente documentado para aceder ao texto numa consulta presencial ao mesmo. Por fim, para cada conto-tipo, e após as versões portuguesas, oferece-se, quando aplicável, a informação referente às versões raianas espanholas e às versões lusófonas, embora, como já se indicou, estas não integrem o Arquivo Português de Contos Tradicionais nem a sua incorporação aqui obedeça a critérios de exaustividade.

Portanto, poderíamos entender o primeiro volume como uma incontornável bibliografia de consulta do conto português, sem falsas modéstias. Do mesmo modo, entendo como indispensável a bibliografia oferecida pelos autores no final do mesmo tomo (“Fontes bibliográficas e outras”), organizando assim a informação bibliográfica que ficara dispersa ao longo das centenas de páginas descritivas. Menção merecem ainda os cuidados índices finais do mesmo volume, verdadeiros auxiliares de consulta que refletem o imenso cuidado dos autores no cruzamento dos dados que disponibilizam.

Do ponto de vista da disposição dos contos no catálogo (tanto no corpo do primeiro volume como no que se refere à sequência dos contos no segundo), segue-se com naturalidade a ordem estabelecida pela classificação Aarne – Thompson – Uther, traduzida e adaptada para português, a saber: I. “Contos de animais” (e seus tipos particulares) – as fábulas esópicas encontram-se aqui naturalmente representadas; II. “Contos propriamente ditos” - com as subsecções “Contos maravilhosos”, “Contos religiosos”, “Contos realistas ou novelescos”, “Contos do gigante (diabo) estúpido”; III. “Contos Jocosos” - contos normalmente breves que relatam situações com desenlace cómico; IV. “Contos formulísticos” - que refletem uma clara vinculação ao cancionero tradicional, nalguns casos.

Das categorias designadas, pode observar-se a partir do catálogo que aquela que é, sem dúvida, mais expressiva em número de versões - porventura devido a mecanismos de censura operados durante as recolhas sobre outras tipologias contísticas ou porque estas foram durante bastante tempo marginalizadas pelos próprios coletores - é a dos “Contos propriamente ditos”. Mas, em termos genéricos, a vitalidade do conto – que não necessita de prova maior do que a própria publicação deste monumental catálogo – tem vindo a ser também algo devedora da nebulosidade que paira sobre a sua associação a outros géneros tradicionais, problemática de resto patente na estrutura classificativa da obra (veja-se o caso das mal entendidas relações com o romance “Donzela que vai à guerra”, mas também a proliferação, sob a designação de “conto tradicional” de abundantes narrativas de caráter etiológico ou lendário que aqui localizamos, ou ainda o estreito vínculo que se aprecia entre o conto formulístico e alguns temas do cancionero tradicional, para fornecer apenas alguns exemplos).

Pelos objetivos que persegue e pela própria estrutura que a orienta, esta obra não seria jamais o lugar idóneo para uma reflexão crítica acerca destes fenómenos, mas a ela se atribui a mais-valia de poder vir a promover, futuramente, o debate sobre as fronteiras entre os géneros literários de tradição oral. O que define claramente um conto? Qualquer narrativa prosificada ou semi-prosificada deverá só por si ser classificada como tal? Não faremos aqui mais do que apontar um tópico de reflexão que a leitura deste catálogo suscita e que ilustra bem o imenso proveito que qualquer investigador que se debruce sobre a literatura de tradição oral retirará desta sublime ferramenta de trabalho que é o *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses*.